Aldo Lopes Dinucci[1]

Lógica e Teoria da Linguagem em Antístenes

Antístenes (444-365 a.C.) foi primeiramente discípulo de Górgias e depois de Sócrates[2]. Foi, portanto, contemporâneo dos sofistas, tendo travado relações com um dos maiores dentre eles, Górgias, tendo seguido posteriormente a Sócrates, voltando-se então contra Górgias, atacando-o numa obra chamada *Archelaus*, da qual nos restam apenas fragmentos[3] (aliás, não nos chegaram senão fragmentos e títulos de suas obras). Há evidências de que Antístenes cobrava taxas[4] para a assistência de seus seminários, o que o aproxima do movimento sofístico. Além disto, era um feroz opositor de Platão[5]. Talvez por causa deste conflito pessoal, Platão só o mencione nominalmente uma vez, no *Fédon*, entre aqueles que se encontravam com Sócrates na prisão[6]. Outras alusões a Antístenes nos diálogos platônicos só são encontradas de modo implícito, por trás de pseudônimos e adjetivações pouco elogiosas. Aristóteles, embora cite-o nominalmente várias vezes, não lhe é mais condescendente que Platão.

Enfim, há sérias dúvidas sobre o conjunto de suas doutrinas: os posicionamentos variam conforme a atitude tomada quanto à questão da fundação da Escola Cínica. Porém, graças a Aristóteles e Platão, podemos entrever com alguma segurança[7] quais seriam a lógica e a teoria da linguagem de

---

1 Doutorando em Filosofia na PUC-Rio.
2 Ferrater Mora, *Diccionario*..., p. 170, vol. I; ver também Guthrie, *History of*..., pp.304-5.
3 *Idem, ibidem*, p. 308.
4 *Idem, ibidem*, p. 307.
5 *Idem, ibidem*, p. 310.
6 Platão, *Fédon* 59 b.
7 Guthrie, *History of*..., p. 310.

Antístenes. Como isto é exatamente o que nos interessa, passemos à análise destes temas.

1) A Teoria da Linguagem e a Lógica de Antístenes

> *Uma tese é um pensamento paradoxal, sustentado por algum filósofo célebre: por exemplo, que é impossível contradizer, como disse Antístenes*[8].

Como observa Gillespie, esta passagem de Aristóteles estabelece "que o paradoxo οὐκ ἔστιν ἀντιλέγειν (é impossível contradizer) estava especialmente associado ao nome de Antístenes"[9].

A doutrina de Antístenes traz em si outra peculiaridade: a impossibilidade de contradizer decorre da impossibilidade de dizer o falso (ψεύδεσθαι). Aristóteles nos informa sobre isto explicitamente:

> Um λόγος falso é o λόγος de objetos não-existentes [de coisas que não são]... Assim, cada λόγος é falso quando aplicado a alguma coisa outra que aquela que é verdadeira, exemplo: o λόγος de círculo é falso quando aplicado a um triângulo. Num sentido há um λόγος para cada coisa, i.e. o conceito de sua essência; mas noutro sentido há muitos, já que a própria coisa e a própria coisa modificada de certa maneira e de algum modo a mesma coisa são, exemplo: Sócrates e Sócrates músico. O λόγος falso não é o λόγος de nada, exceto num sentido qualificado. Assim, Antístenes estupidamente afirmou que nada poderia ser descrito exceto por seu próprio λόγος —um predicado para um sujeito; do que se segue que não poderia haver contradição e, quase, que não haveria erro.[10]

Um outro comentário de Aristóteles revela o interesse de Antístenes a respeito da *definição*:

> Assim, a dificuldade revelada pelos 'Αντισθένειοι[11] e outras pessoas ignorantes é em certa medida apropriada. Eles afirmavam que o que não pode ser

---

8 Aristóteles, *Tópicos* 104 b 21.
9 Gillespie, 'The Logic of...I", p. 480.
10 Aristóteles, *Met.* V 1024 b 27-34.
11 Os 'antistênicos' ou seguidores de Antístenes.

> definido (pois a definição assim chamada é 'uma fórmula longa'); mas que tipo de coisa é, por exemplo: prata, eles pensavam ser possível explicar, não dizendo o que é, mas que é como estanho[12].

Foram descobertos, em diálogos platônicos, traços de doutrinas similares a estas, as quais, segundo as declarações de Aristóteles, seriam de Antístenes. Talvez pela animosidade entre Platão e Antístenes, talvez por outro motivo, Platão não as remete explicitamente a Antístenes. No entanto, há evidências[13] de que Platão o critica no *Crátilo* (429 A ss.), no *Eutidemo* (283 E, 285 E), no *Teeteto* (201 D ss.) e no *Sofista* (251 A, B). Entrecruzando-se as citações destes diálogos e as passagens de Aristóteles, podemos fazer idéia do que seriam a teoria da linguagem e a lógica de Antístenes. Neste artigo, nos deteremos sobre os seguintes temas principais: a concepção de Antístenes sobre (I) nomes e proposições, (II) falsidade e contradição, (III) definição, a possibilidade das conexões Antístenes-Protágoras e Antístenes-Heráclito (Crátilo), conseqüências lingüísticas e lógicas da doutrina de Antístenes.

(I) Nomes e Proposições em Antístenes

O *Crátilo* de Platão, cujo tema é a 'correção dos nomes', discute duas teorias da linguagem opostas.

A primeira delas afirma que o nome das coisas é de origem divina: o fato de que um grupo de homens concorde que tais e quais sejam os nomes das coisas (convenção) não garante de modo algum que estes sejam os nomes reais das coisas. Haveria, na verdade, um nome próprio, de origem divina, para cada coisa. Esta é a tese de 'Crátilo'[14]. Segundo a tese de 'Hermógenes', os nomes são estabelecidos por convenção. Sócrates *a princípio* sustenta a tese de 'Crátilo':

> Sócrates argumenta que as ações (πράξεις), como as coisas (πράγματα), têm uma natureza fixa e devem ser executadas com o instrumento próprio, como cortar com a faca. Isto inclui a linguagem, cujos instrumentos, a saber as palavras ou nomes (ὀνόματα), têm a função de ensinar sobre, e distinguir, as essências das coisas reais[15].

---

12 Aristóteles, *Met.* 1043 b 24.
13 Gillespie, "The Logic of...I", pp. 481-5.
14 Platão, *Crátilo* 391 d.
15 Guthrie, *History of...*, pp. 206-7.

Os nomes são imitações vocais das coisas, isto é, convêm à natureza destas coisas. Não são, portanto, criações arbitrárias. Além disto, nenhum nome imitará a coisa melhor que outro: "ou os nomes são corretos ou eles não são nada, [são] simplesmente sons sem significação"[16]. O nome é essencialmente unido à coisa[17]; assim, "aquele que conhece os nomes conhece também as coisas"[18]. Esta tese, atribuída a 'Crátilo' no diálogo, é, segundo Gillespie e Guthrie, a teoria da linguagem de Antístenes[19], cujos princípios enunciamos a seguir:

1. Há um único nome para cada coisa: este nome se liga à natureza da coisa; é, por assim dizer, uma imitação vocal da coisa.
2. Os nomes são de origem divina, não são estabelecidos por convenção. Nomes simplesmente convencionais não imitam as coisas e, por conseguinte, não podem significá-las.
3. Além disto, sequer são nomes, pois não há nomes falsos. Ou o nome é verdadeiro e imita a coisa ou não é um nome, mas um simples som sem significação.

Passemos a avaliar como Antístenes conceberia —a partir desta teoria da linguagem— as *proposições lógicas*:

Em primeiro lugar, ao avaliar a doutrina de Antístenes, devemos afastar de nosso pensamento a concepção aristotélica de proposição, onde 'o sujeito e o predicado são termos, correlativos lógicos dos conceitos'[20]. A concepção de Antístenes é bem mais primitiva: o sujeito lógico é aquilo do que se fala — 'não nomes ou termos ou conceitos, mas coisas'[21]. Antístenes reconhece, portanto, as *proposições denominativas*[22] (ex.: 'Este é Sócrates'[23]). *A predicação é, para Antístenes, dar nome às coisas.* A terminologia empregada por ele (de acordo com os textos referidos) seria a seguinte[24]:

- πράγμα (coisa) e οὐσία (a natureza da coisa), que se refeririam ao sujeito lógico, que no caso é aquilo do que se fala.

---

16 *Idem, ibidem*, p.207; *cf.* Platão, *Crátilo* 430a-438c.
17 Platão, *Crátilo*, 383a.
18 *Idem, ibidem*, 435d.
19 Gillespie, "The Logic of...I", p. 486; ver também Guthrie, *History of...*, p. 209.
20 *Idem, ibidem*, p. 488.
21 *Idem, ibidem*.
22 Platão, *Teeteto* 192 d ss.
23 *Idem, ibidem*, 188 b.
24 Gillespie, "The Logic of...I", p. 489.

- ὄνομα (nome) e λόγος (uma fórmula de nomes), que se refeririam à linguagem que expressa o pensamento sobre as coisas.

Haveria dois tipos de proposições possíveis para Antístenes:

- a já citada *proposição denominativa*.
- e a proposição complexa: "o complexo 'Sócrates-branco', isto é, o sujeito e o predicado da proposição tal como é analisada por Aristóteles, é aplicado como um predicado para o objeto real[25]. Este complexo é um λόγος"[26] ou um nome composto por muitas palavras.

Estas considerações nos levam a estabelecer uma crítica à afirmação de Aubenque de que Antístenes só reconhecia as proposições tautológicas[27]. No Sofista, "os partidários do *julgamento idêntico* permitem que homem seja predicado de homem, e bom de bom, mas negam que bom possa ser predicado de homem"[28]. Mas também é dito que *não se pode aplicar mais de um nome à mesma coisa* (λέγομεν ἄνθρώπον πολλ·ὄττα ἐπονομάζοντες 251 A, πολλοῖς ὀνόμασι λέγομεν 251 B). Desta forma, o *julgamento idêntico* não é o posterior 'A é A', "no qual sujeito e predicado são ambos conceitos, mas o simples *juízo denominativo* 'Isto é um homem'; o sujeito é o πρᾶγμα ou o objeto real, o predicado é o ὄνομα e sua função primária é distinguir o objeto de outros objetos"[29]. Esta observação de Gillespie é confirmada por outras passagens, como por exemplo em *Teeteto* 201 e ss., *Eutidemo* 283 e ss., *Crátilo* 429 d. Além disto, devemos acrescentar que a lógica formal foi criada por Aristóteles[30], e apenas numa lógica abstrata podemos falar de proposições tautológicas em sentido estrito.

Podemos esquematizar da seguinte forma as proposições que Antístenes conceberia como logicamente válidas:

1. *proposição denominativa* — Esta coisa (πρᾶγμα) é nome da coisa (ὄνομα). Ex: 'Este é Sócrates'.
2. *proposição complexa* — A natureza (οὐσία) desta coisa é fórmula (λόγος). Ex: 'Sócrates é homem-músico'.

---

25 Aristóteles, *Met.*, 1024 b 31.
26 Gillespie, "The Logic...I.", p. 489.
27 Aubenque, *Le Problème...*, p. 101.
28 Platão, *Sofista*, 251 b.
29 Gillespie, "The Logic...I", p. 490; ver também Guthrie, *History of...*, p. 213.
30 Sobre a criação da lógica formal por Aristóteles, ver mais detalhes no próximo capítulo.

Passemos a investigar agora a impossibilidade em Antístenes de haver falsidade e contradição.

(II) Falsidade e Contradição em Antístenes

Para compreendermos porque Antístenes afirmava que não há proposições falsas e, logo, que não é possível contradizer, temos que acompanhar sua distinção entre ἀλλοδοξία e ψεύδεσθαι.

'Αλλοδοξία significa aplicar um nome ao objeto errado. No *Teeteto*[31], vemos a *ajllodoxiva como tomar uma coisa por outra. No Sofista* [32], "a proposição categórica 'homem é bom' é rejeitada porque... 'nomes de diferentes coisas são copulados'[33]".No *Crátilo*[34], mais uma vez vemos que é possível que um nome seja aplicado a um objeto errado: "mas 'Crátilo' se recusa a chamar este tipo de erro de *falsidade* (ψεύδεσθαι)"[35].

Vemos, portanto, que Antístenes aceita a possibilidade de que a predicação ocorra de forma não apropriada. Mas, neste caso, não se trata de falsidade (ψεύδεσθαι) e sim de ἀλλοδοξία ou a aplicação de um nome a um objeto errado. Podemos apresentar a principal razão que leva Antístenes a afirmar tal coisa:

Em 1024 b 17ss., Aristóteles declara que a falsidade pode se referir: (a) a coisas ou fatos, caso não existam e (b) aos λόγοι:

> Aqui —observa Guthrie[36]— Aristóteles tem em mente a clássica dificuldade, freqüentemente referida por Platão e usada por Antístenes... em suporte à sua tese da impossibilidade de contradição: 'Todo λόγος é verdadeiro, pois aquele que fala, fala algo, aquele que diz algo diz algo que é, e aquele que diz algo que é diz a verdade' (Proclus, *In. Crátilo* 37).

Assim, pronunciar um λόγος é sempre dizer algo. Um λόγος falso não seria λόγος nenhum, mas um mero ruído sem qualquer significação. A única possibilidade de erro é, portanto, a ἀλλοδοξία, que é quando um λόγος ou um ὄνομα verdadeiro é aplicado ao πράγμα errado. Vemos assim que a

31 Platão, *Teeteto* 189 b ss.
32 *Idem*, *Sofista* 251 a,b.
33 Gillespie, "The Logic of...II", p. 18.
34 Platão, *Crátilo* 429 c.
35 Gillespie, "The Logic of...II", p. 18.
36 Guthrie, *History of...*, p. 210; ver também Gillespie, "The Logic of...II", p. 20.

teoria da linguagem de Antístenes determina a impossibilidade do ψεῦδος[37]. A partir disto, podemos compreender porque Antístenes afirma que é impossível contradizer:

> A negação da contradição no *Eutidemo* 285e —esclarece Gillespie— implica a mesma tese de predicação e erro. A e B supostamente estão falando da mesma coisa. A coisa é uma coisa em sentido amplo ... assim ela não tem apenas um ὄνομα, mas um λόγος ou fórmula... representando sua natureza... A e B em sua discussão fazem várias asserções sobre a coisa, que sem dúvida eles chamam pelo mesmo nome; mas eles não ligam ao nome necessariamente a mesma fórmula ou a fórmula certa ao nome. Ainda assim, em nenhum caso pode-se dizer que eles se contradizem mutuamente; se ambos tiverem em mente a fórmula correta, eles concordam; se um tem a fórmula correta e outro a errada, eles estão falando de coisas diferentes; se ambos têm a fórmula errada em mente, nenhum deles está falando sobre a coisa.[38]

Assim, a tese de Antístenes que afirma a impossibilidade de contradição é derivada do princípio que afirma a impossibilidade do ψεῦδος. Apenas a ἀλλοδοξία é possível. Vamos esquematizar, exemplificando, as três possibilidades apresentadas no Eutidemo:

i) Num embate dialético, A e B pronunciam-se sobre C, atribuindo a C a fórmula X, que vem a ser correta:

A: C(πρᾶγμα) é C(ὄνομα)
(ex.: A: Este é Sócrates)
B: É verdade.
A: A οὐσία de C(πρᾶγμα) é X(λόγος)
(ex.: A: Sócrates é homem-filósofo)
B: É verdade.

Neste caso obviamente não há contradição.

ii) A e B pronunciam-se sobre C, A atribui a C a fórmula Z, B, a fórmula Y —ambas as fórmulas são equivocadas:

A: C(πρᾶγμα) é C(ὄνομα)
(ex.: A: Este é Sócrates)
B: É verdade.

---

37 Encontramos razões semelhantes em Platão; Crátilo 429c ; Teeteto 187d.

38 Gillespie, "The Logic of...II", p. 21.

A: A οὐσία de C(πρᾶγμα) é Z(λόγος)
(ex.: A: Sócrates é homem-músico)
B: Não, a οὐσία de C(πρᾶγμα) é Y(λόγος)
(ex.: B: Não, Sócrates é homem-médico)

Em ambas as proposições complexas os interlocutores pecam por ἀλλοδοξία. Os atributos *músico* e *médico* são ὄνοματα verdadeiros, aplicados ao πρᾶγμα errado. Não há contradição, pois A e B não estão se referindo a C, já que as fórmulas que apresentam não correspondem a C, mas sim a alguma outra coisa.

iii) A e B pronunciam-se sobre C, A atribui equivocadamente a fórmula Z a C; B atribui acuradamente a fórmula X a C:

A: C(πρᾶγμα) é C(ὄνομα)
(ex.: A: Este é Sócrates)
B: É verdade.
A: A οὐσία de C(πρᾶγμα) é Z(λόγος)
(ex.: A: Sócrates é homem-músico)
B: Não, a οὐσία de C(πρᾶγμα) é X(λόγος)
(ex.: B: Não, Sócrates é homem-filósofo)

Neste caso, A comete ἀλλοδοξία e B diz a verdade. Não há contradição, pois não falam da mesma coisa. A fórmula Z não corresponde a C. No entanto, segue sendo verdade de outro πρᾶγμα qualquer ou, então, não passa de barulho sem significação. Vemos assim que, de acordo com a teoria da linguagem de Antístenes e seu princípio de ἀλλοδοξία, a contradição não é possível. Para esclarecermos ainda mais este ponto, investigaremos agora a posição de Antístenes quanto à definição.

(III) A Definição em Antístenes

De acordo com a passagem já apresentada[39], para Antístenes objetos simples não podem ser definidos. Objetos compostos[40], por outro lado, podem ser definidos ou receber um λόγος. Este λόγος é composto pelos nomes dos elementos que compõem o objeto. Estes elementos, por serem simples, são indefiníveis.

Não é preciso dizer que, para Antístenes, o sujeito da definição não se distingue do objeto empírico: "pois se a definição é uma proposição, se a

39 Aristóteles, *Met.* 1043 b 23.
40 Guthrie, *History of...*, p. 212.

proposição significa que o sujeito e o predicado são nomes da mesma coisa, se a fórmula que define é meramente um predicado composto; e se todas as coisas são particulares, segue-se que a fórmula da definição é, como qualquer outro nome, o nome de coisas particulares"[41].

Esta informação de Gillespie revela um fato importante: para Antístenes tudo que há no mundo são os seres particulares. Antístenes jamais aceitaria a tese de Platão sobre o mundo das Idéias Eternas das quais as coisas sensíveis participariam. Guthrie cita uma anedota que nos chegou por Simplicius tratando justamente desta rivalidade entre Platão e Antístenes:

> Antístenes teria dito a Platão: 'Eu vejo um cavalo, mas não vejo a cavalidade', ao que Platão replicou: 'Sim, pois você tem o olho pelo qual um cavalo é visto, mas você não adquiriu ainda o olho para ver a cavalidade."[42]

Porém, antes de avaliarmos a razão da oposição de Antístenes à teoria das Idéias e das essências unas, falemos um pouco mais sobre o papel da definição em Antístenes. Tomemos como exemplo de definição de Antístenes aquele proposto pelo Pseudo-Alexandre[43] (que chegou até nós em um fragmento): consideremos o nome 'homem'; podemos defini-lo como animal mortal racional, obtendo um λόγος, ou fórmula longa, composto de ὄνοματα, que se referem aos elementos que compõem o homem enquanto πρᾶγμα. No entanto, estes elementos não podem ser definidos, pois, se o fossem, cairíamos no supracitado paradoxo de Górgias (que Antístenes certamente conhece e procura evitar) do uno e do múltiplo, eliminando a possibilidade de predicação verdadeira. A definição é, portanto, para Antístenes, nada mais que a enumeração das partes de uma coisa composta, os objetos passíveis de serem definidos são agregados[44]: "a teoria [de Antístenes] assume que um todo complexo não é mais que suas partes postas juntas em um certo modo"[45].

Pelo *Teeteto*[46] (numa passagem que se refere à doutrina de Antístenes),

---

41 Gillespie, "The Logic of...I", p.497.
42 Guthrie, *History of...*, p. 214.
43 *Idem, ibidem*, p. 212.
44 Gillespie, "The Logic of...I", p. 499.
45 Guthrie, *History of...*, p. 213.
46 Platão, *Teeteto*, 201 d ss.

somos informados de que não pode haver λόγος dos primeiros elementos. Embora constituam todas as coisas, eles só podem ser nomeados; "mas os compostos feitos a partir deles, sendo complexos... podem ter nomes pertencentes a eles [os primeiros elementos] combinados para fazer um λόγος.... Os elementos, portanto, são inexplicáveis e incognoscíveis, mas podem ser percebidos, enquanto os complexos são conhecíveis, explicáveis e compreensíveis por uma opinião verdadeira"[47].

Ora, é evidente que a doutrina de Antístenes se opõe radicalmente às doutrinas de Platão e Aristóteles. Para estes, as coisas possuem uma essência determinada e una. Para Antístenes, as coisas são tão somente uma combinação de elementos simples, uma definição nada mais é que uma enumeração dos nomes destes elementos simples que são indefiníveis. Desta forma, uma definição, no sentido aristotélico do termo, é, para Antístenes, impossível. Assim, podemos compreender a anedota citada acima: Antístenes diz não ver a 'cavalidade' porque não aceita de modo algum a possibilidade de uma essência una para os objetos reais. Estas formas ou essências não corresponderiam a nada na realidade[48].

2) Possibilidades das Conexões Protágoras – Antístenes e Heráclito (Crátilo) – Antístenes

Passemos agora a avaliar estas conexões que foram sugeridas por autores modernos. Pode-se dizer que as doutrinas de Protágoras e Antístenes possuem as seguintes afirmações em comum[49]:

1. É impossível falar o falso, pois isto corresponde a dizer o que não é.
2. Como conseqüência disto, é impossível contradizer.

A partir disto, autores como Kerferd[50] tentam reduzir a doutrina de Antístenes à de Protágoras. Há, no entanto, evidências que apontam para a inconveniência desta redução:

- A teoria da linguagem de Protágoras é radicalmente distinta daquela de Antístenes. No *Crátilo* de Platão, a posição de Protágoras (defendida ali por 'Hermógenes') é de que os nomes são dados às coisas por

---

47 Guthrie, *History of...*, p. 213.
48 *Idem, ibidem*, p.214.
49 *Idem, ibidem*, p.218-9.
50 Kerferd, *The Sophistic...*, p.85-9.

convenção. A posição sustentada por 'Crátilo' (que seria a de Antístenes) é de que os nomes são de origem divina. Para Antístenes, a impossibilidade de dizer o falso se deve ao fato de que um nome falso não é nome algum. Para Protágoras, esta impossibilidade se remete ao seu relativismo, o qual reza que a percepção de A não pode ser corrigida pela percepção de B, assim como as asserções sobre estas percepções.

- A afirmação da impossibilidade de contradição de Antístenes "estava fundada numa direta e intencional negação do mesmo dito de Protágoras... [o qual]... argumenta a partir da relatividade do ser e do conhecimento... Antístenes caracteristicamente refuta o subjetivismo do conhecimento pela asserção de uma doutrina objetivista ao extremo"[51]. A impossibilidade de contradição, em Protágoras, decorre da afirmação de que "todas as aparências e opiniões são verídicas"[52] ou, como diz-nos Ross, "todas as vezes que A aparece como sendo B, é B"[53]. Assim, como todas as aparências são verdadeiras e como os homens têm opiniões contraditórias, "todas as declarações devem ser igualmente verdadeiras e falsas"[54], pois, se A diz que '*S é P*', estará com a razão, e, do mesmo modo, B se diz que '*S é não-P*'. No entanto, A considerará '*S é não-P*' como falsa e vice-versa. Portanto, a doutrina do 'homem medida de todas as coisas' (o relativismo) envolve a negação implícita do princípio de não-contradição.

É fácil notar que esta não é a posição de Antístenes. A sua afirmação da impossibilidade da contradição está fundada, como vimos acima, no princípio da ἀλλοδοξία, na impossibilidade de dizer o falso que, por sua vez, decorre da aderência dos ὀνόματα às πράγματα, o que conduz não a um relativismo mas a um resoluto objetivismo.

Passemos agora à possibilidade da conexão entre Heráclito, Crátilo e Antístenes:

Tanto os heraclíticos quanto Antístenes afirmam a impossibilidade de contradição. Heráclito, porém, "nega o princípio de contradição com base na transitividade e relatividade da própria realidade; o cerne de sua posição é a doutrina de que os contrários não se excluem um ao outro. A partir

---

51 Gillespie, "The Logic of...I", pp. 487-8.
52 Aristóteles, *Met.*, IV 5 1009a 8-9.
53 Ross, *Aristóteles*, p. 167.
54 Aristóteles, *Met.*, IV 5 1009a 9.

disto, tanto Platão como Aristóteles deduzem como conclusão lógica [da posição heraclítica] a asserção de que toda proposição é verdadeira[55][56]. No entanto, Antístenes não toma o fluxo heraclítico para afirmar a impossibilidade de contradição. Pelo contrário, a partir de sua doutrina decorre "a possibilidade da verdade objetiva"[57].

Não obstante, permanece a questão: porque Platão apresentaria a posição de Antístenes no *Crátilo* defendida por um personagem chamado de 'Crátilo'? Não é justamente o Crátilo histórico que é apresentado por Aristóteles como o mais radical de todos os heraclíticos?[58]

> O Crátilo histórico —sugere Gillespie[59]— estava aparentemente tão absorvido pela idéia do fluxo perpétuo da existência que ele não poderia sequer nomear as coisas, mas apenas apontá-las com o dedo. Como o 'Crátilo' platônico faz dos nomes o centro de todo conhecimento, devemos supor que ele substitui [no diálogo] um pensador [Antístenes] cujas teorias deveriam ser consideradas do ponto de vista peculiar de Platão como equivalentes aos princípios heraclíticos.

Apreciando o problema por este ângulo, dado o desprezo de Antístenes pela teoria das essências unas e imutáveis, podemos considerar que tanto os heraclíticos quanto os seguidores de Antístenes tinham em comum a idéia de que todas as existências estão condicionadas em séries temporais. Outras considerações acerca de uma relação mais estreita entre aquelas doutrinas são inconclusivas.

Assim, Aristóteles tem bons motivos para considerar a doutrina de Antístenes como uma concepção filosófica *sui generis*. A teoria da linguagem de Antístenes tem conseqüências lógicas e ontológicas que o colocam em franca oposição ao relativismo de Protágoras, à doutrina dos universais de Platão e Aristóteles e ao radical mobilismo universal de Crátilo. Por outro lado, terá em comum com Górgias, como veremos imediatamente a seguir, o fato de que ambas as teorias da linguagem compartilham o que chamaremos junto com Aubenque de *princípio da*

---

55 Platão, *Teeteto* 18 e ; Aristóteles, *Met.* 1012 a 24.
56 Gillespie, "The Logic of...II", p. 18-9
57 *Idem, ibidem.*
58 Aristóteles, *Met.* 1010 a 12.
59 Gillespie, "The Logic of...II", p. 36.

aderência total da palavra e do ser. Assim, se Antístenes não é propriamente um sofista, não deixará de estar muito mais próximo deles que de Platão e Aristóteles.

3) Conseqüências Lógicas e Linguísticas da Doutrina de Antístenes

Antístenes, com sua teoria de que os objetos complexos são compostos por objetos simples e indefiníveis, evita a dificuldade, proposta por Górgias, acerca da unidade e da multiplicidade do ser, a qual concorre para a tese de que o uso predicativo do verbo εἶναι envolve contradição. No entanto, a posição de Antístenes descarta a possibilidade das essências unas e, assim, encontra-se em franca oposição a Platão e Aristóteles. A doutrina de Antístenes inviabiliza o projeto aristotélico de ciência, uma vez que, para Aristóteles, ciência é sempre ciência de um gênero determinado. Para Antístenes, não há gêneros: se dizemos que *'Sócrates é homem-sábio'*, *homem* e *sábio* nada mais são que os nomes dos elementos que concorrem para a composição de *Sócrates*, e não essências ou atributos ou gêneros imutáveis; ainda que definíssemos *homem* como *animal racional*, e, novamente, esta fórmula como correspondendo a *vivente sensível racional*, finalmente chegaríamos aos elementos simples que compõem Sócrates (ex.: *'Sócrates é vivente sensível racional filósofo ateniense*). Se a ciência é possível para Antístenes, ela só o é enquanto ciência descritiva, ou atividade pela qual nomeamos os elementos derradeiros e básicos dos objetos complexos, pois os corpos simples não são passíveis de definição —podem apenas ser nomeados mas são, em última análise, incognoscíveis.

Por outro lado, a teoria da linguagem de Antístenes implica a inutilidade e a impossibilidade de uma lógica formal como a de Aristóteles. As proposições válidas para a lógica formal têm de ser capazes de ser verdadeiras e capazes de ser falsas. Para Antístenes, as proposições válidas são sempre verdadeiras. Pode-se pecar por ἀλλοδοξία, mas jamais por ψεῦδεσθαι. De seu princípio de ἀλλοδοξία decorre a impossibilidade de contradição. Esta violação do princípio de não-contradição destrói as condições de verdade das proposições. Se Antístenes aceitasse —o que não é, porém, verdade— as proposições apofânticas da lógica aristotélica, estas seriam sempre verdadeiras, o que significaria afirmar a verdade simultânea das contraditórias. Mas a lógica de Antístenes não é de modo algum formal: não temos aí

termos abstratos ou variáveis, mas coisas e nomes essencialmente unidos a elas; a ontologia e a lógica de Antístenes decorrem de sua teoria da linguagem, e é justamente esta que Aristóteles atacará no capítulo 4 do livro Γ da *Metafísica*.

Bibliografia

Aristóteles. *Metafísica*. (Yebra). Madri: Editorial Gredos, 1970.

————. *Topiques*, tome I, livre I-IV. (Jacques Brunschvicg). Paris: Les Belles Lettres, 1967.

Aubenque, Pierre. *Le Problème de l'Être chez Aristote*. 2ª. ed. Paris: Presses Universitaires de France, Paris, 1983.

Ferrater Mora. *Diccionario de Filosofia*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1969, vol. I.

Gillespie. "The Logic of Antistenes I", em *Archiv für Geschichte der Philosophie*, XXXVI, 4, 1913.

————. "The Logic of Antisthenes II", em *Archiv für Geschichte der Philosophie*, XXXVII, 1, 1914.

Guthrie. *History of Greek Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969 vol. III.

Kerferd. *The Sophistic Movement*. 2ª. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Platão. *Crátilo*. (Luis Méridier). Paris: Les Belles Lettres, 1950.

————. *Fédon*. (Jorge Paleikat e João Cruz Costa). São Paulo: Ed. Abril, 1972.

————. *Sofista*. (Jorge Paleikat e João Cruz Costa). São Paulo: Abril, 1972.

————. *Teeteto*. (Benjamin Jowett). New York: The Modern Library, 1956.

Ross, W. D.. *Aristotle, a Complete Exposition of his Works & Thought*. Londres: Meridian Books, 1959.